

AMANHECER

Brida

Farpa de fogo do tempo
queima o sonho de luar.

Em meus dias de Oriente,
me volto para o Norte,
o coração lateja, amargor.

No viço do sol, nos trópicos
dorme o pensamento.
A luz indica o trajeto.

Minhas pegadas provam:
o andar é para trás,
por dentro da extensão azul
entre o medo e a morte súbita.

Há dias de tormenta em cabos não
a serem navegados em calmaria pura.
O promontório de alcantis agudos
deitado na planície em que nasci,
anfractuoso opõe o enorme vulto.

Eis o Titã fitando o anil
da baía dos santos
a transbordar de azul.

Sigo nesta mira.
Neste espaço que excito,
eu, peixe de Deus,
das águas doces,
em lesma abominada.

Morri de sal-gema,
ressurgi no índigo do sal,
de suas vísceras,
tornassol,
agonia e redenção
de um viver tardio.

Aquele tempo
em estado boreal,
eu, precoce em minha era.

No amanhecer de agora, ventos nortes.
Um durar de ausências
invadido de faíscas.

Tomba o dossel de luz.

A aurora austral
invade o céu do meu País.
Ardo em meus dias
para a nitidez da hora bruta.

De: *Poemas da Luz Inesperada*

(dos inéditos)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/amanhecer-2>